

Platão contra a Sabedoria Socrática no *Teeteto*

Meu objetivo principal é propor uma abordagem do *Teeteto* de Platão como uma crítica a Sócrates e ao método socrático. Argumentarei que há pelo menos três momentos no *Teeteto* nos quais Platão apresenta visões ou métodos socráticos que ele questiona.

O primeiro é no começo do diálogo, onde Sócrates argumenta que conhecimento e sabedoria são a mesma coisa (145d-e). Logo em seguida, Teeteto dá a primeira resposta à questão *O que é conhecimento?* oferecendo uma lista de exemplos de conhecimentos incluindo *technai* e ciências (146d). Tanto o entendimento de conhecimento como *technē* indicado na resposta de Teeteto, quanto a sugestão de que conhecimento e sabedoria são a mesma coisa são concepções socráticas. As duas ideias são interligadas. A primeira surge em vários momentos ao longo dos diálogos socráticos; já a segunda é indicada na *Apologia*. A concepção de sabedoria como conhecimento é questionada já na descrição da técnica maiêutica, que seria um conhecimento sem ser sabedoria.

Me ocuparei mais do segundo momento. Na Digressão, Sócrates distingue filósofos normais daqueles que ele chama de ‘corifeus’. A descrição dos corifeus é de alguém bastante diferente de Sócrates. Sócrates ama a sua cidade nativa; o filósofo não se importa com sua cidade. Sócrates reverencia as leis de Atenas; o filósofo nem sabe quais são as leis da cidade. Sócrates nega que contempla os astros e as profundezas da terra; o filósofo pensa sempre sobre isso, ao ponto de que somente o seu corpo mora na cidade. O filósofo, ao tomar uma posição distante da sua cidade e de seus compatriotas, e ao medir a terra e os corpos celestes, adota uma perspectiva geral, além do cotidiano.

Tudo isso indica que o ideal do filósofo para Platão não é mais Sócrates. Mais importante, portanto, é que a concepção de sabedoria apresentada na Digressão inclui elementos meramente teóricos, que Sócrates não aceitaria como úteis para viver. A sabedoria que os grandes filósofos possuem é teórica em primeiro lugar: vai além das questões éticas e inclui cálculo, geometria, astronomia, filosofia política, etc. E isso também é não-socrático. Aristóteles relata que Sócrates se engajava em questões éticas e não deu importância para física, astronomia, etc. A razão pela qual a Digressão apresenta os grandes filósofos como não-socráticos e a sabedoria como teórica em primeiro lugar é para afastar Sócrates do centro da sua filosofia.

Finalmente, no final do diálogo, Sócrates admite que o único resultado da sua técnica maiêutica seria implantar o reconhecimento de que o interlocutor não sabe do assunto. Isso, que na *Apologia* Sócrates chama de sabedoria humana, para Platão não conta como sabedoria. Para ele, argumentarei, isso seria meramente o primeiro passo, que limpa a alma de conteúdos falsos e da crença falsa de que já conhece o assunto. Na sequência, no *Sofista*, Sócrates toma um papel bem menor e um novo método é introduzido.